68

Discurso na solenidade de posse do ministro extraordinário de Coordenação de Assuntos Políticos

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 29 DE ABRIL DE 1996

Senhor Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel; Senhor Presidente do Senado, Senador José Sarney; Senhor Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Luís Eduardo Magalhães; Senhor Ministro de Estado para Coordenação de Assuntos Políticos, Deputado Luiz Carlos Santos; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhores Governadores; Senhora Governadora; Senhores Senadores; Deputados; Senhores Líderes do Senado e da Câmara; Líderes do Governo; Líderes dos partidos; Presidentes de partido que aqui se encontram; Senhoras e Senhores;

Talvez poucos saibam do relacionamento pessoal que tenho com o Deputado Luiz Carlos Santos.

Não sei se é a ocasião, porque é uma ocasião política, mas eu me recordo de que o Dr. Paulo de Tarso, irmão do Dr. Luiz Carlos Santos, que foi companheiro meu de exílio, no Chile, dizia sempre que na família o político era o Luis Carlos, e não ele.

Naquela época, eu só conhecia o Paulo de Tarso. Tinha sido Ministro da Educação, Governador de Brasília, parlamentar atuante. Eu não conhecia o hoje Deputado Luiz Carlos Santos.

Quando o Governador Montoro se elegeu Governador de São Paulo e eu assumi o Senado, porque era suplente do Montoro – e até antes disso mesmo, mas naquela ocasião certamente – e o Deputado Luís Carlos Santos se elegeu deputado estadual, eu apoiei a eleição dele para a Assembléia Legislativa de São Paulo. Não sei se ele se recorda e confirma.

Foi surpreendente, na ocasião. O Deputado ainda é muito jovem, naquela época era mais jovem ainda, mas se houve de maneira absolutamente competente como Presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo.

Mais recentemente, o Deputado Luiz Carlos Santos, como ele acaba de mencionar, foi indicado para Líder do Governo Itamar Franco, Governo ao qual eu tive a honra de servir como Ministro do Exterior e, depois, como Ministro da Fazenda.

Novamente as qualidades do Deputado Luiz Carlos Santos passaram a ser visíveis, pelo empenho que tinha, e que teve, na organização das forças políticas que permitiram a aprovação das medidas que vieram, depois, a desembocar no Real, notadamente na URV. Mas até aí é mais fácil. Difícil é ser Líder, e aqui temos tantos que sabem disso – alguns são tão excelentes como Líderes, e eu sou tão grato aos Líderes dos partidos, do meu partido, que aqui me apóia, dos partidos que estão coligados a nós –, sabem que o difícil é ser Líder quando precisa dizer "não". E eu me recordo de que houve momentos em que tivemos que dizer "não" a aumentos de salários. E os parlamentares sabem como é difícil – em um país cheio de injustiça –, por convicção, por compreensão do processo histórico, por saber que um "sim" de hoje pode ser uma mera ilusão, ir à tribuna e sustentar uma posição que, naquele momento, não é popular.

Mas político que tem convicção, político que se respeita, não pode simplesmente olhar para o momentâneo. Ele tem que ver qual é o objetivo, tem que saber distinguir entre o aplauso fácil e a consagração que vem com calma, pela História.

Eu testei. Não é o único, aqui há muitos Líderes aos quais sou grato, Líderes atuais, do meu Governo, Líderes dos partidos que nos

apóiam, mas eu vi o Deputado Luiz Carlos Santos enfrentando as dificuldades de uma momentânea impopularidade – impopularidade ali, no Congresso, no círculo, porque, quando se vai para a rua, a gente vê que as coisas são diferentes, ou podem ser diferentes. Depende de qual seja a atitude tomada.

O fato é que o Deputado Luiz Carlos Santos passou por todas essas provas. E ele tem uma outra característica: ele é paulista, mas nasceu em Minas. É de Araxá. E essa gente, sabe o Presidente Sarney, que conhece bem a História, essa gente é complicada, não é Presidente? Eles dão nó em fumaça. No bom sentido, quer dizer, sabem ser suaves nos modos e firmes na consecução do objetivo, que é uma característica importante da democracia. A democracia não convive bem com quem não é capaz de dialogar, não convive bem com quem, de início, afasta o interlocutor, ou com quem, por espetacularidade, humilha aqueles que são adversários momentaneamente.

A democracia convive melhor com quem é capaz de ouvir, de escutar e ter paciência. Sem essa arte da paciência, não se constrói; mas tem que ser temperada por uma vontade, também, de perseguir os objetivos.

Pois bem, este momento do Brasil, eu diria, é muito positivo, um momento em que estamos todos aqui, juntos, de partidos diferentes; em que – repito o que disse há algum tempo – há uma relação tão direta e fluida entre o Presidente da Câmara, o do Senado e o Presidente da República, sem que signifique que um imponha a vontade ao outro, o que não seria razoável numa democracia. Existe, sim, uma vontade de convergência, pelo País, em que se vê que os partidos, apesar, naturalmente, da sua heterogeneidade, até interna, nas horas decisivas têm sabido se unir.

Neste momento, precisamos de alguém que articule politicamente e que ajude o Presidente da República. O Vice-Presidente da República tem sido outro baluarte, desse mesmo estilo, de conseqüência para com os objetivos, e de capacidade de diálogo, e de suavidade nas maneiras. Neste momento, pareceu-me que era importante dar ao Deputado Luiz Carlos essa condição de Ministro para a Coordena-

ção de Assuntos Políticos e tê-lo mais próximo a mim, aqui, no Palácio do Planalto, mas sem que ele perca o seu lugar lá no Congresso, porque o objetivo nosso não é que o Presidente fique afastado, é que o Presidente tenha uma pessoa que, mais diretamente, traga a ele o sentimento que existe nas Casas do Congresso Nacional.

Ele vai contar, tenho certeza, para isso, com o apoio dos Líderes, sem o que dificilmente a tarefa poderia ser cumprida. Aqui se trata de uma tarefa de soma. E soma para quê? Para que possamos fazer as reformas, já foi dito, de que o Brasil necessita. E nós estamos ansiosos. Vejo, no olhar do Presidente da Câmara, que tem sido um parceiro de valia, para mim, absolutamente extraordinária, a angústia, muitas vezes, de não poder fazer com que as coisas avancem mais depressa. E me refiro à Câmara porque o Senado, sendo menor, nós fazemos com que as coisas fluam – espero que continuemos assim, quando as reformas chegarem lá. Tenho certeza disso, porque aí é uma convivência mais organizada.

Percebemos, hoje, que é preciso haver fluidez maior nas decisões, porque o Congresso quer as decisões, a maioria quer as decisões, e a maioria, numa democracia, não pode ficar paralisada pelas minorias. As minorias têm que ser respeitadas, têm que ser ouvidas, têm que ter o direito da oposição e até da obstrução, naturalmente, mas não o de fazer com que as Casas percam a capacidade de deliberar. Porque, ao fazerem isso, o que está sendo criticado não é o Governo, é a própria instituição. É a paralisação não da ação do Governo, mas da instituição.

Quando o Congresso quiser dizer "não", o Executivo tem que respeitar. Mas, quando o Congresso quer dizer "sim" e não consegue, é preciso que nos unamos mais, como estamos fazendo – e, neste momento, mais ainda – para que possamos criar as condições de que essa fluidez do diálogo seja também preservada no campo institucional. Essa é a tarefa do Deputado Luiz Carlos Santos, de nos ajudar, não a mim, a nós todos, para que possamos levar adiante essas transformações pelas quais o Brasil anseia.

Aqui temos governadores presentes. Ainda recentemente, vieram a mim para dizer que, sem a reforma administrativa, o muito que

eles já fizeram não será suficiente para manter o equilíbrio das contas públicas. E, se não houver o equilíbrio das contas públicas, não há ministro da Economia capaz de manter a estabilidade do Real. E, se não houver a estabilidade do Real, não háverá aumento de salário capaz de compensar a perda que a inflação trará ao trabalhador, à classe média, à dona de casa e a todo o País.

Então, estamos unidos por uma causa. Não estamos unidos aqui, nessa diversidade de pessoas e de partidos, por interesses pessoais ou por razões menores. Nós estamos unidos porque estamos todos convencidos de que o Brasil espera que, com a urgência possível, façamos as transformações necessárias, ouvindo aqueles que são contra, aceitando o ponto de vista, aqui e ali, dos que são contra, mas fazendo com que a vontade da maioria se articule, para que possa dar lugar a uma expansão da sociedade brasileira.

É isso, Senhor Deputado, que eu espero de Vossa Excelência. E, com o que eu já disse a seu respeito, tenho certeza de que vou esperar como gosto, com calma, com tranqüilidade, sem nenhuma angústia. Tenho absoluta certeza de que Vossa Excelência será, certamente, ajudado por todos nós e, muito especialmente, pelo Presidente Sarney, pelo Presidente Luís Eduardo e pelos Líderes que aqui estão. Tenho certeza de que Vossa Excelência mostrará ao Brasil, mais uma vez, que paulista nascido em Araxá é de respeito.

Muito obrigado.